

MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PELOTAS EM DEFESA CONTRA O GOLPE CIVIL-MILITAR AO AI-5 (1961- 1968)

ALLAN PEREIRA¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas –
allangsp92@gmail.com

²Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas –
sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto de dissertação de mestrado *Memórias de resistência: a atuação do movimento estudantil em Pelotas em defesa contra o golpe civil-militar ao AI-5 (1961-1968)*¹, que tem o objetivo de analisar a atuação do movimento estudantil em Pelotas e as relações entre Estado e estudantes na cidade durante a década de 1960. O trabalho abrange um período que se inicia em 1961, passando pelo Golpe de 1964 e o início da ditadura civil-militar, até o ano de 1968, quando é decretado o Ato Institucional número 5.

As memórias dos estudantes dos anos de 1961 a 1968 são essenciais para compreender como eles entendiam e sentiam aquele momento de crise política nacional, que culminou com a implantação da ditadura. Neste sentido, é fundamental apontar a memória como fator importante para a pesquisa histórica. PADRÓS et al. (2009) define que as lembranças e reminiscências da memória coletiva auxiliam o historiador que, com o rigor de seu trabalho, as transforma em valiosas fontes para a produção do conhecimento científico.

Em 1961, durante a Campanha pela Legalidade, estudantes secundaristas e universitários que apoiavam a posse de João Goulart em Pelotas atuaram ativamente pelo fortalecimento das estruturas democráticas, o que justifica a abordagem a partir de 1961. Entre os anos de 1962 a 1963, quando o governo de Jango recupera as prerrogativas presidenciais, segundo VECHIA (2011) o movimento seguiu atuante, militando pela reforma educacional e pelas reformas de base do governo Jango e diversas outras mobilizações nas quais os estudantes e a juventude em geral tiveram um papel destacado.

Para AZEVEDO (2010), a partir do golpe civil-militar em 1964, a inserção política dos estudantes passou a ser rigorosamente controlada e os movimentos estudantis foram impactados com as estratégias de monitoramento implementadas pelo governo.

Entre os anos de 1964-1968 a ditadura civil-militar brasileira tomou forma e se consolidou no país, com a decretação de vários Atos Institucionais, dos quais o mais repressivo foi o AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Portanto pretende-se pesquisar como seguiram atuando os movimentos estudantis secundaristas e acadêmicos na cidade de Pelotas em relação a questões políticas como: educação, sociedade, cultura, economia e a maneira com a qual enfrentaram a repressão gerada pelo regime que estabeleceu ações de controle e censura que impactaram diretamente na vida da juventude militante.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Sobre o movimento estudantil no Brasil durante os anos de 1964 a 1968, o trabalho de MARTINS FILHO (1987) indica que analisar o movimento estudantil requer situá-lo em conjunturas historicamente determinadas, pois os conteúdos das reivindicações estudantis, alianças e as táticas de luta empreendidas pelo movimento estudantil sofrem mudanças. Portanto, o presente trabalho pretende analisar as táticas de luta, organizações e ações dos estudantes de Pelotas no período pré-golpe civil-militar e as transformações e mudanças nas formas de atuação após o 31 de março de 1964.

2. METODOLOGIA

O trabalho utiliza História Oral e análise documental como métodos para pesquisa e análise. Segundo THOMPSON (2002) a História Oral é a interpretação da História e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. Portanto, a partir da História oral serão realizadas entrevistas como principais fontes das memórias de estudantes dos anos de 1961 a 1968. Pretende-se entrevistar estudantes mulheres e homens que atuaram nos movimentos que defenderam a luta pelo plebiscito para que João Goulart governasse em regime presidencialista, atuaram em resistência ao movimento que promoveu o golpe em 1964 e resistiram contra as formas de censura e repressão do estado ditatorial até a decretação do AI-5 em 1968.

Além das memórias dos estudantes, o presente trabalho pretende utilizar fontes documentais produzidos pelos movimentos estudantis, utilizando o método de análise documental de CELLARD (2010) que pretende reunir o contexto, o autor e os autores, a autenticidade e a confiabilidade do texto, a natureza do texto, os conceitos-chave e a lógica interna do texto. A partir destes procedimentos metodológicos, o trabalho busca analisar a documentação produzida pela Federação Acadêmica de Pelotas e o Grêmio Estudantil do Colégio Municipal Pelotense. Além disso, serão analisados documentos produzidos por órgãos de informação e repressão da ditadura civil-militar que envolvem estudantes de Pelotas, disponibilizados através dos fundos da Comissão Nacional da Verdade, Conselho de Segurança Nacional e Serviço Nacional de Informações, disponíveis no site do Arquivo Nacional².

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho apresenta resultados preliminares de uma investigação em curso, iniciada no ano de 2020, em que foi realizada entrevista com senhor José Luís Marasco Cavalheiro Leite³. No período pré-golpe civil-militar, a tradicional Passeata do Gato Pelado era a maior manifestação de estudantes que anualmente ocupava as ruas do centro da cidade. O evento tinha caráter crítico as questões econômicas, sociais e educacionais destacando-se pelo conteúdo humorístico simbolizado em cartazes, fantasias, músicas e coreografias. Segundo o jornal *O Estudante*, produzido pelos “gatos pelados”: “Tudo o que não condiz com moral é nela atacado com a maneira própria dos jovens: o humorismo”. Os estudantes eram impulsionados pelo “espírito gato pelado”, que era um espírito libertário, de amor à ciência, ao conhecimento e à cultura, característicos do Colégio Municipal Pelotense, fundado por iniciativa da maçonaria, como a primeira instituição de ensino público laico da cidade.

² <http://sian.an.gov.br/>

³ Estudante do Colégio Municipal Pelotense até o ano de 1964 e no ano seguinte ingressou na Faculdade de Direito da UFRGS e no curso de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas.

Se por um lado o movimento estudantil no período pré-golpe civil-militar era organizado e efetivamente ativo na cidade, a partir de 1965 as sucessivas decretações dos Atos Institucionais censuravam a autonomia estudantil de organização e movimento dentro das instituições educacionais. Segundo VECHIA (2011) houve a tentativa de calar definitivamente toda a reação da juventude, especialmente do movimento estudantil, principalmente através do fechamento de suas entidades representativas. A Federação Acadêmica de Pelotas⁴ é fechada e o Diretório Acadêmico passa ser a entidade representativa estudantil, porém era controlada pelos diretores de curso.

Destaca-se a presença do movimento estudantil de direita na Faculdade de Direito, que se comportava como uma maioria silenciosa, que não mostrava muito a cara. Quando mostrou a cara, o movimento estudantil de direita marcou uma das eleições do diretório acadêmico, em que houve socos dentro da faculdade.

O entrevistado reconhece que durante sua experiência como secundarista, o movimento estudantil era mais organizado e mais ativo na cidade antes do 31 de março de 1964 e define que os universitários após o golpe civil-militar viviam sob o medo da repressão, que foi efetiva para que ele e aqueles que eram ativos no Colégio Municipal Pelotense não exercessem a forte militância dos tempos de escola. De acordo com BAUER (2005) a “cultura do medo” acaba gerando um efeito dissuasivo na sociedade. O efeito combinado da exploração econômica, da repressão física, do controle político e da rígida censura, coibiu a participação em atividades de oposição comunitária, sindical, e neste caso, estudantil.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa pretende contribuir para a historiografia do movimento estudantil no Rio Grande do Sul e em Pelotas. Considerando as pesquisas realizadas que tem o enfoque no período da redemocratização, por conta da reestruturação do movimento estudantil. Portanto, busca-se colaborar para um melhor conhecimento histórico, a análise de depoimentos de estudantes sobre a trajetória da militância secundaristas e universitários pelotenses e a transição de um movimento organizado durante o período pré-golpe a um movimento impactado pela “cultura do medo” disseminada pelo Estado, que através das práticas de censura desarticulou as principais entidades no país.

Portanto, as memórias dos estudantes de Pelotas durante os anos de 1961 a 1968 são valiosas fontes de conhecimento sobre as práticas de resistência de estudantes que enfrentavam a coibição da participação em atividades de oposição, evidenciando a tradição do movimento estudantil, que cultuava a inserção dos estudantes na participação política em Pelotas, criticando, debochando, mobilizando, resistindo e paralisando. Sobretudo, a cultura de participação política é fundamental para a criação da Federação Acadêmica de Pelotas entre os universitários e a criação dos Grêmios do Colégio Pelotense entre secundaristas. Como define THOMPSON (1991): “O desrespeito a esses pressupostos morais, tanto quanto a privação real, era o motivo habitual para a ação direta”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968.** Campinas, SP: Papirus, 1987.

⁴ Entidade representativa dos estudantes do curso de Direito da Faculdade da UFRGS.

Capítulo de livro

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO [et al.] **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 143-179.

PADRÓS, Enrique Serra; BARBOSA, Vânia M.; LOPEZ, Vanessa Albertinence; FERNANDES, Ananda Simões. Prefácio. In: PADRÓS [et al.] **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória.** – Porto Alegre: Corag. 009. v. 1; p.24-25.

THOMPSON, E.P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: THOMPSON, E.P. **Costumes em comum.** São Paulo. Companhia das Letras, 1998. P. 150-153

Artigo

AZEVEDO, Lúcia Rangel. **O Papel da UNE no movimento estudantil na segunda metade do séc. XX.** ECCOM, v. 1, n.2, p.8, jul./dez. 2010. P.7-22.

BAUER, Carolina Silveira. **Terrorismo de Estado e repressão política na ditadura cívico-militar de segurança nacional brasileira (1964-1988).** ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina. 2005. 1-8.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 66 | 2003, 117-149.

MORAES FREIRE, Silene de. **Movimento estudantil no brasil: lutas passadas, desafios presentes.** Revista Historia de la Educación Latinoamericana, vol. 11, 2008, pp. 131-146. Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Boyacá, Colombia.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade.** História Oral. Rio de Janeiro: ABHO, v.5, p.09-28, 2002.

Tese/Dissertação/Monografia

VECHIA, Renato da Silva Della. **O ressurgimento do Movimento Estudantil Universitário Gaúcho no processo de redemocratização: as tendências estudantis e seu papel (1977/1985).** 2011. 413f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul